

10 PR OJ ET AR

ARQUITETURA, CIDADE E PAISAGEM PROJETAR EM CONTEXTO DE CRISE

Lisboa | 16 ~ 19 nov | 2021
PENSAR - Volume 1



TÍTULO

ARQUITETURA, CIDADE E PAISAGEM:
PROJETAR EM CONTEXTO DE CRISE
Novos Desafios para o Ensino, a Pesquisa
e a Prática da Arquitetura

LIVRO DE ARTIGOS

EDIÇÃO

Jorge Cruz Pinto
Hugo Farias
Ljiljana Cavic
Luís Miguel Ginja

CIAUD - CENTRO DE INVESTIGAÇÃO EM ARQUITETURA, URBANISMO E DESIGN
FACULDADE DE ARQUITETURA, UNIVERSIDADE DE LISBOA

DESIGN GRÁFICO

Rafaela Costa

IMAGENS

Children's Surgical Hospital in Entebbe, Uganda
Fotografia Capa - Will Boase
Fotografia Separadores - Emmanuel Museruka – Malaika Media
Cortesia do Atelier Arquitecto Renzo Piano

ISBN: 978-989-53462-0-2

Este trabalho é financiado por fundos nacionais através da FCT - Fundação para a Ciência e a Tecnologia, I.P., no âmbito do Projeto Estratégico com as referências UIDB/04008/2020 e UIDP/04008/2020.



NOVO FADO DOS ESTUDANTES: O PODER DE PEDAGOGIAS RADICAIS NA REVOLUÇÃO E NA CONCRETIZAÇÃO DA UTOPIA.

NASCIMENTO, Inês

DINÂMIA'CET ISCTE – Centro de Estudos sobre a Mudança Socioeconómica e o Território,
ISCTE Instituto Universitário de Lisboa
Portugal, 0000-0001-8052-3132
ines_nascimento@iscte-iul.pt

RESUMO

Num ambiente de deslumbramento revolucionário, a Arquitetura fundia-se com a política e em todo o mundo nasciam movimentos sociais, de contracultura e grupos radicais da vanguarda artística, que procuravam alternativas e expunham narrativas de cariz utópico.

Em Portugal, numa realidade de crise académica e revolução social, as escolas de Belas Artes de Lisboa e do Porto vivem regimes experimentais enquanto a Arquitetura, como ferramenta essencial para a transformação social da cidade e das pessoas, torna o papel do arquiteto na sociedade, principal.

Surgem utopias, imperfeitas e de curta duração, que transformavam o meio urbano em resposta ao novo desejo social e ambicionavam o bem-estar comum. No ensino da Arquitetura, estas experiências pedagógicas são entendidas como práticas da Arquitetura Radical, uma vez que questionam as bases e fundamentos da Arquitetura e a matriz do ensino.

Estas experiências radicais assumem-se em Portugal através de um processo participativo que concretizou a utopia quando estudantes, professores e arquitetos deixam as escolas vazias, pois havia chegado o momento e a oportunidade de se materializarem políticas, processos, projetos, sonhos e utopias.

Hoje, o processo SAAL torna-se novamente pertinente por ser considerado como Arquitetura Revolucionária e como Pedagogia Radical, trazendo consigo uma reflexão sobre a importância do pensamento crítico e da experimentação no ensino da Arquitetura do passado, do presente e do futuro.

PALAVRAS CHAVE

Revolução; Utopia; Ensino da Arquitetura; Pedagogias Radicais; Processo SAAL.

INTRODUÇÃO

“Para entender os portugueses é preciso entender o ‘Fado’. O entretenimento favorito de todos os portugueses. A expressão musical de uma característica elementar da personalidade deste povo : a crença de que a vida tem um destino e que nada o pode alterar. Fado significa ‘fatalidade’. Os portugueses acreditam que o que tem de acontecer, acontece mesmo e ponto final. É uma atitude fatalista, que os portugueses assumem com boa disposição e graciosidade.” (Chaves, 2007)

Numa realidade de crise académica e revolução social à escala mundial, Portugal preparava-se para sair de uma ditadura que durou mais de quarenta anos (1933-1974). Estas sinergias foram vividas na cidade, nas ruas, e também a pedagogia radical do SAAL foi aprendida, ensinada e praticada nessas mesmas ruas, fora da escola, mas dentro da cidade.

Vivemos hoje uma realidade em que a informação é gratuita, está em toda a parte e é acessível por todos, tornando assim dispensável o papel do professor ou o prestígio da instituição para o adquirir de conhecimento, não importando agora o que os estudantes sabem, mas sim o que fizeram durante o seu percurso académico. Assim, o desafio atual das nossas escolas de Arquitetura passa por adotar uma posição clara na sociedade, com uma oferta de equipas de pedagogos radicais capazes de proporcionar aos nossos estudantes a oportunidade – e liberdade – de pensar e agir criticamente.

Re-imaginar a educação não é assumir uma derrota, é sim uma vitória. Mas será que os utópicos já não possuem a capacidade de imaginar futuros – até para o ensino – radicalmente diferentes? (Vieira F. , 2021) Ou será que já não somos capazes de sonhar, ou pior ainda, de tornar o sonho realidade?

REVOLUÇÃO E AS ESCOLAS DE ARQUITETURA EM PORTUGAL

“(...)os problemas de ontem são ainda os problemas de hoje, com uma diferença significativa: nos anos 1970 havia esperança, havia sentido de futuro (...)” (Bandeira & Faria, 2014, p. 193)

Estamos em Maio de 1968 e em França “exige-se o impossível” com a “imaginação ao poder”³⁵. Movimentos sociais de toda a Europa munem-se da utopia para responder à crise económica, política e social, surgindo agitações estudantis que iriam desencadear uma revolta social à escala mundial. Uma revolução inaugurada por estudantes que permitiu uma nova visão sobre a sociedade e o mundo, a crise de Maio de 1968 foi um marco para a revitalização da utopia (Vieira, 2020). Os estudantes não querendo o poder, mas sim transformar a sociedade e o mundo, conseguiram (Palla, 2018). O mundo mudou e ainda hoje usufruímos dessa mudança.

As revoltas estudantis de 1968, em Paris, rejeitam a pedagogia das Belas Artes, acusando os currículos e métodos de ensino da escola de serem incapazes de abordar a relação da Arquitetura com as doenças sociais e políticas contemporâneas, e exigem que a visão de uma nova ordem social se refletisse na base dos seus estudos. No mesmo Maio de 68, em Portugal, as escolas de Belas Artes reúnem-se no Porto e privam alunos e professores de dialogar entre si (Moniz, 2010). Os estudantes de Arquitetura reagem com a publicação do segundo número do Boletim ESBAP, apelando ao diálogo entre a sociedade e a Arquitetura, e à democratização do ensino (Moniz, 2010). A escola está em crise.

Um ano depois com a mesma vontade de mudar o mundo, a Crise Académica de 1969 e a luta das capas negras surgem como contestação à Reforma de 57, através de manifestações de festa e de luta³⁶, potencialmente semeando o pensamento

³⁵Alusivo a frases que marcaram o Maio de 68, como “soyez realistes, demandez l'impossible” e “l'imagination aux pouvoirs”.

³⁶São exemplos a “Operação Flor” (3 de Junho de 1969), e a “Operação Balão”(14 de Junho de 1969).

democrático e contagiando³⁷ a revolução que chegaria a Portugal cinco anos depois. Debate-se a questão da habitação³⁸ enquanto alunos, professores e arquitetos, se encontram³⁹ para pensar – e agir – sobre o “futuro da formação do arquiteto” e a reestruturação do ensino (Moniz, 2010), e defende-se que “a Universidade do futuro deverá ser crítica e baseada numa grande flexibilidade de programas de ensino, nos quais a participação dos estudantes terá uma importância fundamental”⁴⁰. Seis meses depois, a previsão distópica realiza-se – Nuno Portas demite-se da ESBAL e a ESBAP fecha as suas portas (Moniz, 2010).

ARQUITETURA CRÍTICA E A CONCRETIZAÇÃO DA UTOPIA EM PORTUGAL

Num ambiente de deslumbramento revolucionário, a Arquitetura fundia-se com a política e em todo o mundo nascem movimentos sociais, de contracultura, e grupos “radicais” da vanguarda artística que procuravam alternativas e expunham narrativas de cariz utópico. Estas utopias, imperfeitas e de curta duração, transformavam o meio urbano em resposta ao novo desejo social. A Arquitetura tornava-se crítica, introduzindo novas experiências que exercem uma atividade discursiva fundada no pensamento crítico e no diálogo que questiona a prática, com referência matriz na Arquitetura Radical italiana⁴¹ (Monteiro, 2012).

Esta influência revolucionária e visionária da Arquitetura chegava às salas de aula através de revistas⁴² introduzidas por professores e por um regime experimental, ou uma experiência pedagógica, que haveria de ser criada e implementada nas escolas de arquitetura⁴³. Eram tempos de questionar o presente, onde “o passado e futuro pareciam estar em comunhão” (Bandeira & Faria, 2014), e em que a formação social⁴⁴ do arquiteto estava à espera da Revolução para se afirmar (Moniz, 2010).

Em 1970, vive-se em Lisboa e no Porto uma reforma inovadora e radical (Bandeira & Faria, 2014, p. 11), que incentivava “uma certa liberdade nas metodologias de ensino, vivendo-se um tempo de experimentação sem receios” (Bandeira & Faria, 2014, p. 73), ao mesmo tempo que 25% da população do território nacional continental (sobre)vivia sem conforto, sem segurança, sem higiene e sem privacidade. A crise vinha de mãos dadas com a(s) luta(s) – a luta pelo Direito ao Lugar⁴⁵, pelo Direito à

³⁷Tese defendida numa obra acerca de repúblicas de estudantes em Coimbra nos anos 60, elaborada por Teresa Carreiro (Fontes, 2004).

³⁸II Congresso Republicano (Maio de 69) e Colóquio sobre Política de Habitação (Julho de 1969).

³⁹II Encontro de Estudo e o Encontro Nacional de Arquitetos.

⁴⁰Vittorio Gregotti, orador convidado no II Encontro (Moniz, 2010)

⁴¹“Radical é uma espécie de revolução paralela, subversão, a acontecer na Arquitetura, não só em Itália, mas no Mundo.” (Colomina, 2014)

⁴²O processo SAAL e a Arquitetura portuguesa são referenciados em : 1975 na revista catalã CAU, e nas revistas italianas Città Classe e Panorama ; 1976 na revista italiana Lotus e Casabella, na francesa L'Architecture d'Aujourd'hui.

⁴³Em Lisboa (de 1970 a 1971) por quatro professores assistentes – Hestnes Ferreira, Keil do Amaral, Manuel Vicente e Tomás Taveira –, e no Porto (de Abril a Junho de 1970) por três professores – Octávio Lixa Filgueiras, Fernando Távora, Jorge Gigante –, e três alunos – Ricardo Figueiredo, José Garrett e Rui Loro (Moniz, 2010).

⁴⁴Leia-se política.

⁴⁵“O S.A.A.L. foi como começar pelo princípio de todas as coisas. Antes do direito à cidade esteve o direito ao lugar (...)” (Costa A. A., 2009).

Habitação⁴⁶, pelo Direito à Cidade de Henri Lefebvre, pelo Direito à Identidade. A luta pela Democracia e pela Revolução, a luta pelo 25 de Abril de 1974, foi a assunção da liberdade das pessoas (Fernandez, 2014), foi a festa dos utopistas.

Mas em Portugal a festa não foi longa. Com a cultura arquitetónica portuguesa a tornar-se protagonista no palco mundial, temos os olhos do mundo no nosso país e, ainda assim, o povo português continuava a ver o arquiteto como um artista irresponsável (Bandeirinha, 2011). A Arquitetura portuguesa quis mudar o mundo antes que o mundo a mudasse a ela (Nadais, 2009), e Portugal ia mudar. Nasce assim, a 6 Agosto de 1974, o Serviço de Apoio Ambulatório Local⁴⁷ (SAAL), um caso de experimentações participativas⁴⁸ no território nacional. A Revolução do 25 de Abril e a “Revolução pelo Direito à Habitação”, fundamentais na (re)definição do programa⁴⁹ de Nuno Portas, trouxeram a “Arquitetura do 25 de Abril” como alternativa de escala aos modelos de crescimento industrial, o que contribuiu para o reforço do movimento popular nas zonas urbanas – o Poder Popular – e preparou terreno para lutas cada vez mais avançadas (Bandeirinha, 2011). Construía-se novas casas, novas infraestruturas, e ocupavam-se espaços para novos programas sociais e culturais de apoio às comunidades.

Criado como um serviço de emergência para controlar a revolta dos moradores, como uma medida progressista que incentivou na mobilização para melhores condições de vida, ou como uma junção de ambos, o processo SAAL incita opiniões ora contraditórias, ora convergentes. Criada como laboratório da ESBAP, esta utopia realizada foi “um processo tão credível e tão assustador que teve de ser interrompido” (Bandeirinha, 2011).

A Revolução dos Cravos e o SAAL encontraram os estudantes na rua e uma escola vazia⁵⁰ (Bandeira & Faria, 2014).

PEDAGOGIAS RADICAIS E ESTUDANTES DE ARQUITETURA EM PORTUGAL:

Também a Arquitetura foi hino da Revolução. Tida como ferramenta essencial para a mudança da vida das pessoas e para a transformação social da cidade, tornou o papel do arquiteto na sociedade principal. Este envolvimento político e social do arquiteto com a cidade fez-se sentir nas escolas através da “recusa do desenho”, provocando a “dignificação da disciplina” e a “legitimação do ato criativo” (Bandeira

⁴⁶ “Foi uma experiência após a ‘libertação’, envolveu arquitetos e, principalmente, a escola.” (Sérgio Fernández, 2014).

⁴⁷ Esta intervenção nasce através do decreto lançado pelo Secretário de Estado da Habitação e Urbanismo, e surge como um encontro emblemático, curto e único, na história social e cultural portuguesa, entre a comunidade, arquitetos, escolas, estudantes e políticos.

⁴⁸ “(...) tudo o que possa pensar sobre diálogo e a participação terá, porventura, um aspeto muito utópico, muito de ‘ideal.’” (Siza, Dias, & Milheiro, 2009, p. 19).

⁴⁹ “Um projeto que se quis ‘radicalmente’ económico e que atendia às exigências manifestadas na tentativa de um melhoramento, ainda que pontual e com possibilidade reduzida de qualidade e conforto, das condições de vida da população” (Siza, 2008).

⁵⁰ Esta experiência termina a 27 de Outubro de 1976, não deixando nenhuma operação finalizada no seu período de vigência, mas sim um rasto de 169 operações ativas, 41.665 famílias envolvidas, 2.259 fogos em construção e 5.741 por arrancar (Bandeirinha, 2011).

& Faria, 2014). Hoje, o tema do SAAL torna-se novamente pertinente⁵¹ por ser considerado como Arquitetura revolucionária e como pedagogia radical, mas também hoje, as pedagogias arquitetônicas são “estáticas”, “aborrecidas” e “chatas” (Colomina, 2014).

No Porto, onde o SAAL foi estrela, esta linha pedagógica já houvera sido traçada antes da Revolução, através da utopia⁵² que usou a fama dos alunos⁵³ como ferramenta essencial para a sua realização. Estas experiências pedagógicas, com “um papel crucial na formação do discurso da Arquitetura e na prática da segunda metade do século XX” (Colomina, 2014), são entendidas como práticas de Arquitetura Radical e são radicais no mais puro sentido de raiz (radix). Estas pedagogias questionam as bases e a fundação da Arquitetura, com um discurso – agora adormecido⁵⁴ – que surge através de uma Arquitetura contestada e que põe em causa a própria matriz do ensino. A educação assumia-se como um veículo para ações subversivas e para que novas visões alternativas da disciplina fossem geradas através de iniciativas pedagógicas progressivas (Colomina, 2014).

A escola⁵⁵ e os estudantes, principalmente no Porto, tiveram um papel crucial neste processo. A experiência SAAL deu a possibilidade a professores e estudantes de testar convicções políticas e disciplinares que ultrapassavam a prática académica, onde podiam lidar e agir perante a realidade e as pessoas. Este processo contou a participação de 176 estudantes que estiveram envolvidos em 69% da totalidade dos projetos, sendo que 22⁵⁶ em 171 destes – 17 dos quais construídos –, são relativos a brigadas constituídas maioritariamente por estudantes (Conselho Nacional do SAAL, 1976).

Mas o envolvimento estudantil não ficou pela Arquitetura, com levantamentos de bairros e com a divulgação do novo programa, ou com propostas e eleições de arquitetos para cada intervenção. Os estudantes de Arquitetura estiveram na linha da frente, em manifestações – presencialmente e na produção de cartazes em ateliers populares existentes nas escolas –, na ocupação de edifícios, na organização das associações e divulgação de eventos culturais das mesmas, em inquéritos, em várias publicações de periódicos referentes a cada bairro, e na participação e construção de projetos de habitação e de equipamentos sociais. Simultaneamente, as Associações

⁵¹ “Eu gosto que o SAAL seja lembrado como uma memória histórica. E devemos questioná-lo no sentido de como é que a podemos retirar desta experiência absolutamente fabulosa, lições para a atualidade. (...) Parece-me importante ser capaz de perceber que as condições são outras, completamente diferentes, mas que é possível, apesar de tudo, ter como referência esse momento, do ponto de vista metodológico, e reutilizá-lo. A história interessa-me se eu a puder utilizar operativamente para futuro. Portanto eu não quero comemorar o SAAL. Quero lembrar. E lembrar é muito importante. Porque lembrando-me do SAAL, eu sou capaz de inventar uma metodologia que sirva na situação atual. E eu sei como se faz.” (Costa A. A., 2014).

⁵² “A escola, com uma tradição enorme, todos os alunos faziam investigações nos bairros pobres, ou habitações degradadas. Com o 25 de Abril, passaram a agir diretamente e a escola voltou-se para o exterior e interagiu com a população.” (Fernandez, 2014)

⁵³ “Os alunos interpretavam este exercício de um ponto de vista social, revelando uma consciência crítica, por vezes irónica (...)” (Bandeira & Faria, 2014)

⁵⁴ “Este desafio ao discurso normativo foi uma força na Arquitetura do Pós-Guerra, mas acabou por ser negligenciado.” (Colomina, 2014)

⁵⁵ O anfiteatro da escola de Arquitetura do Porto foi palco de algumas das reuniões das Assembleias dos Moradores.

⁵⁶ São eles os bairros de Brejos da Carregueira, Palma de Baixo, Maceda Acácio, Pêgo Negro, Tirares, Bouça, Campo 24 de Agosto, Cedofeita – Carvalhosa, Chaves de Oliveira, Leal, Arrábida, Forte Velho, Miragaia, Póvoa, Presa Velha – Formiga – China, Quinta Grande, Santo Ovídio, Marinha – Silvalde, S. Pedro – Silvalde, Antas, Contumil e Sé.

de Moradores cresceram em massa na cidade e o ensino foi ainda mais longe, com os arquitetos a alterarem a metodologia de trabalho para ensinar as populações a ler Arquitetura (Costa, 2014). Agora, a escola, os professores arquitetos, os estudantes de Arquitetura e os moradores tinham de dialogar, sendo imperativo passar o conhecimento pois a leitura da função do espaço tinha de ser feita por todos.

UTOPIAS REALISTAS E O ENSINO DA ARQUITETURA EM PORTUGAL

“De uma maneira geral, todas as ideias que visam ao futuro são utópicas. Ainda não estão realizadas em parte alguma, e por isso são tanto mais atrativas quanto menos realizáveis são. E naturalmente, o que se tem de fazer é ser ao mesmo tempo uma pessoa calma, objetiva perante a realidade que existe. Vê-se em que ponto se está da história, e só fazer naquele momento aquilo a que o resto pode responder, no entanto, procurar sempre dar um passo em frente. Procurando sempre que apareçam as condições para que tal coisa se realize.”(Silva, 1990)

Não existe utopia sem Arquitetura, no entanto, esta permanece adormecida no ensino da disciplina, ocupando assim uma estranha ausência no currículo dos que se propõe a um qualquer ensaio sobre a relevância de pedagogias utópicas no ensino da Arquitetura e na prática profissional (Coleman, 2012). Utilizada como metodologia e como ferramenta para a transformação da sociedade, tem em conta fatores sociais, culturais, económicos, políticos e de saúde pública, existindo como instigador de uma possibilidade real e trazendo consigo uma crítica social, uma vontade funcional e o desejo de um futuro melhor. A utopia torna-se assim parte intrínseca do processo criativo, tanto no contexto académico, como na prática da profissão.

As utopias existem mesmo, tanto na imaginação como no futuro, e devem ser encaradas como parte da realidade corrente e não fora dela⁵⁷. Sabemos hoje que o utopismo contemporâneo é realista, experimental e participativo, podendo ser ensinado através de quatro tipos de pensamento : perspetivo, que encoraja à imaginação e ação onde o futuro é objeto de desejo e dá sentido ao presente; crítico, onde as hipóteses passam por processos de validação sendo necessário analisar a sua imparcialidade, substância, precisão dos dados, relevância, e só depois o resultado poderá assumir o estatuto de verdade; holístico, com uma consciência que assenta no funcionamento sistémico das sociedades e onde se experimentam hipóteses; criativo, que nos faz pensar em alternativas, testar múltiplas hipóteses, e assim escapar à replicação dos saberes (Vieira F. , 2016).

Hoje, as Universidades são hiperespecializadas e os estudantes constroem o seu currículo através de um “cardápio” (Colomina, 2014), mesmo quando os problemas que atravessamos hoje são sistémicos e não exigem uma aliança de disciplinas, mas sim respostas multidisciplinares (Vieira F. , 2020). Queremos que os nossos estudantes sejam inovadores e que transformem o futuro da profissão do arquiteto, mas continuamos a oferecer ingredientes que apontam para objetivos que apenas servem o mercado e não oferecem a liberdade para imaginar possibilidades alternativas.

Não podemos garantir que o exercício de Pedagogias Radicais resulte na resposta, nem que origine a prática de uma Arquitetura também ela radical. No entanto, estas

⁵⁷ Tese defendida por Ernst Bloch nos anos 40 do século XX (Vieira F. , 2020).

experiências marcam a última real inovação no que toca a abordagens pedagógicas no ensino da Arquitetura, com um sistema bottom-up que partiu de manifestações estudantis, onde os professores estavam ausentes das escolas e os estudantes não queriam transitar em prol da sua (o)posição perante a instituição (Colomina, 2021).

O ensino da Arquitetura necessita de ser reinventado e talvez, juntos, possamos cocriar uma nova pedagogia, adequada ao seu tempo e ao seu (não) lugar. Devemos voltar a “questionar, experimentar, provocar, mesmo que isso implique o politicamente incorreto”⁵⁸ (Bandeira & Faria, 2014), e é urgente uma atitude radical que leve à crítica do futuro e que lute a favor do bem estar comum. Uma nova sociedade só chegará através de um novo discurso, de uma nova pedagogia, onde a criatividade e a inovação serão necessárias para este renascer, não implicando a invenção de algo totalmente novo, mas sim uma recombinação de elementos (Vieira F. , 2020).

O PORTUGUÊS E A UTOPIA : CONSIDERAÇÕES FINAIS

“O português vai ser o que tiver que ser! Nem tem que perguntar se pode. (...) É uma questão de inventarmos o futuro. Se quiser: sonhar o futuro, como se costuma dizer. Mas eu gosto mais de falar como o Frei Luís de Sousa diz do Bartolomeu de Mártires: ter saudades do futuro. Em lugar de andar a ter saudades do passado - que só serve para fazer o fado e outras coisas semelhantes que não me interessam para nada - é preciso passar a ter saudades do futuro, e ver de que futuro é que tem que se ter saudades.” (Agostinho da Silva, A nossa obrigação é ser poeta à solta (Entrevista a Carlos Câmara Leme) [1986], in Paulo Borges (org.), Agostinho da Silva - Dispersos, Ministério da Educação, 1988, p. 158.)

Não evocamos aqui a retrotopia – como nostalgia do passado –, mesmo sendo esta “a utopia portuguesa por excelência” (Vasconcelos, 2021), mas sim o caso SAAL, por oscilar entre a utopia realista⁵⁹ e a pedagogia radical⁶⁰, como dois oxímoros que se entendem e se complementam. Estas utopias realistas, ou experimentações radicais, são idealistas no sonho (radical), mas pragmáticas na ação (na experimentação), sendo exatamente disso que os utopistas contemporâneos necessitam : “experimentar o futuro no presente” (Vieira F. , 2021).

Estas experiências pedagógicas radicais assumiram-se em Portugal através de um processo participativo que concretizou a utopia quando estudantes, professores e arquitetos deixaram as escolas vazias, pois havia chegado o momento e a oportunidade de se materializarem políticas, processos, projetos e sonhos. O SAAL, com todo o seu legado pedagógico, deixa claro que a participação ativa e multidisciplinaridade é necessária para que a escola tenha uma ação inovadora e revolucionária perante a cidade e sociedade.

⁵⁸Resposta de Mário Ramos a propósito das suas ambições quanto aos seus trabalhos escolares da época.

⁵⁹“Por isso, é importante atualizarmos, para os nossos dias, o oximoro criado por More, acrescentando à utopia o conceito de ‘real’ (...)” (Vieira F. , 2021)

⁶⁰“Se radical significa voltar às raízes, origens, e mudar o sistema, e Pedagogias implicam um sistema, então Pedagogias Radicais é um Oxímoro. Talvez signifique “fase de transição”, porque não duram para sempre, até porque o sistema é institucionalizado e deixa de ser radical.” (Colomina, 2014)

“A utopia está lá no horizonte”⁶¹, “faz-nos caminhar” (Vieira F. , 2020), e a ânsia moderna de projetar um mundo sempre melhor continua, sem ponto de chegada, mas com um processo⁶² como partida. A utopia deve ser o motor desses processos e desenvolvimentos, sendo necessária uma discussão fundamentada em modos de pensar utópicos e uma Universidade onde o conhecimento seja, sobretudo, um instrumento de liberdade utópica e de uma forma de pensar crítica. O presente e futuro das nossas sociedades dependem da Arquitetura como um instrumento para a utopia, e precisamos de formar estudantes capazes de a manusear.

“(…) é isto que temos de fazer na pedagogia, voltar ao princípio (…)” (Colomina, 2014).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Bandeira, P., & Faria, N. (2014). *Escola do Porto: Lado B. 1968 -1978 (Uma História Oral)*. Porto, Portugal: Documenta.
- Bandeirinha, J. A. (2011). *O Processo SAAL e a Arquitectura do 25 de Abril*. Coimbra: Imprensa da Universidade.
- Chaves, A. R. (Produtor), Dias, J. (Escritor), & Dias, J. (Realizador). (2007). *As Operações SAAL [Filme]*. Portugal.
- Coleman, N. (2012). Utopic Pedagogies: Alternatives to Degenerate Architecture. *Utopian Studies*, 23(2), pp. 314-354.
- Colomina, B. (12 de Setembro de 2014). *Towards a Radical Pedagogy Lecture*. Moscovo, Rússia: Strelka Institute for Media, Architecture and Design.
- Colomina, B. (06 de 09 de 2021). *Live talk on design education*. (Dezeen, Compilador) Salone del Mobile, Milão, Itália: Dezeen.
- Conselho Nacional do SAAL. (1976). *Livro Branco do SAAL 1974-1976 (Vol. 1)*. Vila Nova de Gaia, Portugal: FAUP Publicações.
- Costa, A. A. (2009). *As Operações SAAL*. *Jornal Arquitectos*, 236(Ser Pobre), pp. 10-11.
- Costa, A. A. (26 de Abril de 2014). *As pessoas acreditavam que era possível conquistar uma casa*. (D. Teixeira, Entrevistador)
- Costa, A. C. (2014). *O simpósio “SAAL: em retrospectiva”*. *Punkto*, 2(Primavera - Bestiário do imobiliário).
- Estanque, E. (9 de Maio de 2018). *Maio de 1968 (II): contaminações*. Público(Opinião).
- Fernandez, S. (01 de Abril de 2014). *A Experiência do SAAL em Portugal*. IX Seminário Internacional: Habitação - Infraestrutura, Espaço Público e Gestão. São Paulo, Brasil.
- Fontes, F. (21 de Novembro de 2004). *Crise académica de 69 na origem do 25 de Abril*. Público(Local Centro).
- Galeano, E. (1994). *Las palabras andantes?* México: Siglo XXI.
- Moniz, G. C. (1 de Dezembro de 2010). *A Formação Social do Arquitecto : Crise nos Cursos de Arquitectura 1968-1969*. *Revista Crítica de Ciências Sociais*, 91, 56-76.
- Monteiro, A. (2012). *Da Utopia ao Utopismo*. Design e Processo na Cidade Moderna. Dissertação Mestrado. Matosinhos, Portugal: Escola Superior de Artes e Design.

⁶¹ Fernando Birri, citado por Eduardo Galeano in *Las Palabras Andantes* de Eduardo Galeano, publicado por Siglo XXI, 1994.

⁶²Leia-se SAAL.

- Nadaís, I. (8 de Maio de 2009). Foi Bonita a Festa do SAAL, pá. Público(Cinema).
- Palla, M. A. (29 de Abril de 2018). No Maio de 68 “eles não queriam o poder, queriam transformar o mundo”. (M. D. Cardoso, Entrevistador)
- Silva, A. d. (8 de Março de 1990). Conversas Vadias. (M. Elisa, Entrevistador) RTP Arquivos.
- Siza, Á., Dias, M. G., & Milheiro, A. V. (2009). Um Processo Participativo Também Pode Ser Manipulável. *Jornal Architectos*, 234(Ser populista), pp. 16-19.
- Vasconcelos, Á. (2021). Utopias para Europeus. Em Á. Vasconcelos, *Utopias Europeias : o poder da imaginação e os imperativos do futuro* (pp. 13-38). Porto, Portugal: Serralves.
- Vieira, Á. S. (21 de Setembro de 2008). SAAL, Conjunto Habitacional da Bouça, Porto. *Jornal Architectos*, 232(Política), 86-93.
- Vieira, F. (2016). The four modes of thinking framed by utopian discursivity. Or why we need Utopia. Em M. d. Monteiro, M. M. Kong, & M. J. Neto (Ed.), *The 2nd International Multidisciplinary Congress Phi 2016 – Utopia(S) – Worlds and Frontiers of the Imaginary* (pp. 27-33). Lisboa: CRCPress.
- Vieira, F. (12 de Junho de 2020). Os Engenheiros São Os Utópicos Ideais. Há Engenharia fora da caixa. *Ordem dos Engenheiros Região Norte*.
- Vieira, F. (2021). Utopias Realistas para a Construção Social Europeia. Em Á. Vasconcelos, *Utopias Europeias : o poder da imaginação e os imperativos do futuro* (pp. 41-53). Porto, Portugal: Serralves.